



TRANÇA COMO SÍMBOLO DE PERTENCIMENTO E RESISTÊNCIA: VIVÊNCIAS NO PIBID BIOLOGIA DA UNILAB

Adelino Sambú¹

Felismina Ricardo Comatche²

Sorta Leonardo Macuágua³

Maria Lucilene De Albuquerque Pereira⁴

Reginaldo De Oliveira Nunes⁵

RESUMO

A oficina de tranças realizada na Escola de Ensino Médio Senador Almir Pinto, em Aracoiaba (CE), foi uma iniciativa educativa e cultural que promoveu o empoderamento e a valorização da identidade afro-brasileira entre os estudantes. A atividade integrou o programa PIBID-Biologia e teve como foco estimular o empreendimento das técnicas de trança e o combate ao racismo por meio de práticas pedagógicas inovadoras. Durante a atividade, os alunos participaram ativamente, manifestando o desejo de aprender e praticar as técnicas de tranças entre si. A proposta foi criar um ambiente de aprendizado engajado, permitindo que os alunos refletissem sobre a origem, o significado e as vantagens de aprender a trançar os cabelos. A oficina também destacou a importância das tranças como símbolo de resistência e herança cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento e autoestima entre os jovens. Considera-se que a experiência foi importante, pois foi possível refletir sobre a importância de levar práticas culturais às escolas como forma de resistência, de fortalecimento identitário e de combate ao racismo. Oficinas como essa devem continuar acontecendo, sendo aprimoradas e ganhando espaço na construção de uma educação mais plural, crítica e sensível à diversidade.

Palavras-chave: Tranças; Resistência; Pibid; Identidade.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza - ICEN, Discente, adelinosambu2017@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza - ICEN, Discente, felisminacomatche@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Insituto de Ciências Exatas e da Natureza - ICEN, Discente, sortaleo@gmail.com³

Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC, EEMTI Senador Almir Pinto, Docente, lucilenepereira@yahoo.com.br⁴

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza - ICEN, Docente, reginaldonunes@unilab.edu.br⁵



INTRODUÇÃO

As tranças são muito mais do que um estilo de cabelo — elas representam identidade, memória ancestral e resistência cultural (Oliveira, 2009). Desde tempos antigos, como no Egito de Cleópatra, as tranças eram usadas para expressar status social, espiritualidade e pertencimento. Cada padrão e estilo carregava significados específicos, como idade, estado civil ou posição na comunidade.

Na África Ocidental, as tranças serviam como forma de comunicação entre tribos e até como mapas de fuga durante o período da escravidão. No Brasil, essas práticas foram ressignificadas como forma de resistência à opressão e ao apagamento cultural. Mesmo diante do racismo e da marginalização, o ato de trançar permanece como um gesto de afirmação e orgulho da herança africana.

Segundo Santos (2019), trançar cabelos vai além da estética: é um saber ancestral transmitido entre gerações, especialmente entre mulheres negras, que se manifesta em modos de fazer, narrativas e símbolos de pertencimento. As tranças são parte essencial do patrimônio cultural afro-brasileiro, valorizando sua dimensão simbólica, histórica e identitária.

A oficina de tranças realizada na Escola de Ensino Médio Senador Almir Pinto, em Aracoiaba, Ceará, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Subprojeto Ciências Biológicas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, configurou-se como uma experiência educativa e cultural de valorização da identidade afro-brasileira.

As tranças, entendidas como mais do que um estilo de cabelo, representam identidade, memória ancestral e resistência cultural, sendo reconhecidas como patrimônio imaterial que atravessa séculos de história, desde o Egito antigo até o contexto afro-brasileiro contemporâneo.

Nesse sentido, a oficina buscou resgatar e discutir os significados simbólicos do trançar como forma de pertencimento, comunicação e resistência frente ao racismo e ao apagamento cultural. O objetivo foi valorizar os saberes ancestrais relacionados às tranças afro-brasileiras, reconhecendo sua dimensão cultural, pedagógica e identitária.

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi baseada em práticas colaborativas, envolvendo bolsistas do programa e estudantes da escola em uma oficina participativa. Durante o encontro, os estudantes foram convidados a aprender e a praticar diferentes técnicas de trança, como trança raiz, nagô e box braids, enquanto se discutiam seus significados históricos e culturais. O processo foi fortalecido por relatos pessoais dos bolsistas africanos e estudantes, que compartilharam experiências familiares ligadas à prática de trançar cabelos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina sobre tranças afro-brasileiras foi organizada de forma colaborativa, envolvendo professores bolsistas do projeto de PIBID-Biologia e os alunos da EEMTI Senador Almir Pinto e teve como objetivo principal valorizar os saberes ancestrais relacionados ao trançar de cabelos, reconhecendo sua importância como prática cultural e educativa. Durante o encontro, foi possível vivenciar e discutir o processo de trançar cabelos como uma linguagem simbólica e identidade coletiva das populações negras no Brasil.

Segundo o site Primeiros Negros, "as tranças são formas de resistência e comunicação entre os povos africanos, marcando aspectos sociais, espirituais e políticos" (Primeiros Negros, 2025). Essa dimensão foi abordada na oficina a partir de relatos e partilhas entre participantes que explicaram como o trançar esteve presente em suas famílias e comunidades.

A prática de trançar foi apresentada como um saber transmitido oralmente, onde mães, avós e tias ensinavam



às mais novas os padrões, os significados e os cuidados com os cabelos crespos. Como explica Santos (2019), "trançar cabelos não se resume a um gesto estético, mas se consolida como um saber ancestral, carregado de significados, experiências e pertencimentos". Durante a oficina, essa transmissão foi simbolizada pelo ato coletivo de trançar, onde bolsistas e alguns alunos demonstraram técnicas e explicaram seus usos cotidianos, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Além disso, explorou-se a abordagem etnomatemática, presente no trabalho de Luane Bento dos Santos, que destaca como as tranças "podem ser analisadas como construções geométricas, com padrões que envolvem simetria, sequência e regularidade" (Santos, 2019, p. 3). Isso foi trabalhado por meio da observação dos tipos de trança (raiz, nagô, box braids), relacionando com conceitos como repetição de padrões, ângulos e espacialidade.

Também foi destacado que, no período da escravidão, "as tranças eram usadas para guardar sementes ou traçar rotas de fuga dos quilombos", como relatado no Blog Cabelo Afro (2025). Essa informação despertou reflexões entre os participantes sobre como práticas aparentemente simples carregam profundos significados históricos e de resistência.

A oficina, portanto, permitiu que se compreendesse o trançar como prática pedagógica, cultural e política, aproximando os participantes da ancestralidade negra, fortalecendo identidades e valorizando as tradições afro-brasileiras.

Os resultados da oficina demonstram interesse dos estudantes da escola, que participaram ativamente, fizeram perguntas, manifestaram curiosidade e se dispuseram a aprender técnicas de trança entre si. O espaço de aprendizagem se configurou como um ambiente afetivo e de construção coletiva de conhecimento, fortalecendo a autoestima e o sentimento de pertencimento dos jovens. A reflexão sobre o uso das tranças durante o período de escravidão, como forma de comunicação, resistência e até armazenamento de sementes, ampliou a compreensão crítica dos alunos sobre a profundidade histórica e política dessa prática cultural.

CONCLUSÕES

A oficina de tranças realizada na EEMTI Senador Almir Pinto foi uma experiência potente de valorização da identidade cultural afro-brasileira, conduzida por estudantes africanos que compartilharam seus saberes ancestrais com os discentes da escola. A atividade revelou o quanto a trança ultrapassa o campo estético, sendo também símbolo de pertencimento, resistência e memória. Os alunos participantes demonstraram grande interesse, curiosidade e envolvimento, fazendo perguntas, querendo aprender as técnicas e compreendendo que trançar é também um gesto de afirmação da cultura negra. O espaço se tornou, ainda que por pouco tempo, um lugar de troca afetiva e construção coletiva de conhecimento. Um ponto que merece destaque foi a limitação de tempo. Por se tratar de um dia com várias atividades na escola, a oficina teve duração reduzida. Apesar disso, o entusiasmo dos estudantes foi evidente, e muitos manifestaram vontade de continuar a atividade e aprofundar o aprendizado. Acreditamos que, com um tempo maior, o alcance da oficina teria sido ainda mais significativo.

Concluimos que a experiência foi transformadora, tanto para quem participou quanto para nós, que organizamos e conduzimos. Refletimos sobre a importância de levar práticas culturais às escolas como forma de resistência, de fortalecimento identitário e de combate ao racismo. Oficinas como essa devem continuar acontecendo, sendo aprimoradas e ganhando espaço na construção de uma educação mais plural, crítica e sensível à diversidade.

AGRADECIMENTOS



Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), CAPES e UNILAB.

REFERÊNCIAS

CABELO AFRO BLOG. **Cabelo afro**. Disponível em: <https://cabeloafro.com.br/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

OLIVEIRA, Josiane Silva de. Corpo, cabelo e consumo: produção simbólica e reprodução cultural entre mulheres negras. **Dissertação** (Mestrado em Administração), Maringá: UEM; UEL, 2009.

PRIMEIROS NEGROS. **Portal Primeiros Negros**. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SANTOS, Luane Bento dos. **Para além da estética**: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros. 2019.
Disponível em: 45f7dd_14b37f4f54234e16a9a1d0587b03c52f.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.